

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



# ARTIGO

## PEDAGOGIA BOE BORORO: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

*Boe Bororo Pedagogy: Contributions to  
Indigenous School Education, Mato Grosso,  
Brazil*

*Boe Bororo Pedagogy: Contributions to  
Indigenous School Education, Mato Grosso,  
Brazil*

### **Darlene Wudore**

Professora da Escola Municipal Indígena Korogedo Paru do Povo Indígena Boe Bororo no Município de Santo Antônio do Leverger. Mestranda em Educação Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6291-9543>

E-mail: [darlenewudore90@gmail.com](mailto:darlenewudore90@gmail.com)

### **Dulcilene Fernandes Rodrigues**

Mestre em Educação pela UFMT.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3086-0078>

E-mail: [dulcipacto@gmail.com](mailto:dulcipacto@gmail.com)

### **Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira**

Professora dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e Educação Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>

E-mail: [lisanilpatrocinio@gmail.com](mailto:lisanilpatrocinio@gmail.com)

Como citar este artigo:

WUDORE, Darlene Wudore; RODRIGUES, Dulcilene Fernandes; PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. Pedagogia Boe Bororo: Contribuições para Educação Escolar Indígenas, Mato Grosso, Brasil. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. v. 4, n. 8, p. 59–72, 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 4, número 8 (2025)

ISSN 25959026

## PEDAGOGIA BOE BORORO: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

*Boe Bororo Pedagogy: Contributions to Indigenous School Education, Mato Grosso, Brazil*

*Boe Bororo Pedagogy: Contributions to Indigenous School Education, Mato Grosso, Brazil*

### Resumo

Este artigo trata da Pedagogia Boe Bororo e a educação escolar indígena. Tem o objetivo de compreender como essa pedagogia ajuda os estudantes e professores da escola a manterem viva a memória do povo Boe Bororo e como essa pedagogia fortalece a educação tradicional e consequentemente na educação escolar. É através da educação tradicional que se aprende a ser Boe e é pelos ensinamentos dos mais velhos é que se fortalece a cultura e se constrói a identidade, porque esse conhecimento e essa força vêm dos ancestrais e aqui reside a importância deste trabalho.

**Palavras-chaves:** Educação tradicional. Povo Bororo. Pedagogia Boe.

### Resumo na língua materna

Awu imaragodae inure towuje, imagowo inoba Boere tore erduiwado čerore čenagore duji,i jamedu inoba čere erduiwado toro babera keje čegi Korogedo Paru kejewuge čegi, du ure tuginoi ukare pureore, itaidure iwo awu bapera towuje,imeardae re pagawo pagera rawuje awu paro pagago Boe piji, pawo padurudo puwapo akedu kawo,mariguduwuge pajemage, padagamage ekare tugera rawuje awu paro piji pagago piji, Du pagi pawo utudo todo biji pagawo akedudo, Awu paro pagago koiare ure Boedo pagi, mare paduwo bapera kae du koia jamedu umode parduiwado toro awu brae erore jiboe ji jamedu, Du itaidure awu pago bapera pemegawo, Du awu Boe pagawo pagera rawuje paro piji jamedu.

### Abstract

This article discusses Boe Bororo Pedagogy and indigenous school education. It aims to understand how this pedagogy helps students and teachers at the school keep the memory of the Boe Bororo people alive and how this pedagogy strengthens traditional education and consequently school education. It is through traditional education that one learns to be Boe, and it is through the teachings of the elders that culture is strengthened and identity is built, because this knowledge and strength come from the ancestors, and therein lies the importance of this work.

**Keywords:** Traditional education. Bororo people. Boe pedagogy.

### **Introdução**

Falar da educação tradicional de meu povo e da educação escolar indígena parece simples, mas não é, pois existe nestas temáticas algo de muito complexo, diverso e também específico. A escolha do tema Pedagogia Boe Bororo: contribuições para a educação escolar indígena, é um desafio para quem se propõe fazer essa discussão.

Estudar este assunto significa colaborar com o futuro dos estudantes e professores da escola para significar a educação cultural e escolar e assim manter viva a memória da pedagogia Boe Bororo.

É através da educação tradicional que aprendemos a ser Boe e é pelos ensinamentos dos nossos mais velhos que nos fortalecemos na nossa cultura e preservamos a nossa identidade, porque esses conhecimentos, essa força vem dos nossos ancestrais.

O jeito tradicional dos Boe educar os seus filhos é diferente dos braedu (colonizadores), pois para meu povo os ensinamentos são transmitidos verbalmente (tradição oral) e os costumes são ensinados em casa, no baito (casa dos homens, casa grande das cerimônias) e em todo território indígena. O que pretendo é refletir com os estudantes, colegas professores e com a comunidade sobre as diferenças e semelhanças entre esses dois tipos de educação. Atualmente, na comunidade Korogedo Paru, do povo Boe Bororo, as mães ensinam as suas filhas, e os homens ensinam os filhos a educação tradicional, ou seja, por meio da oralidade e da prática.

Quando a criança aprende a falar ela é ensinada primeiro a falar na língua materna, as palavras mais fáceis. Ela aprende ouvindo. Quando a mãe percebe que a criança deve aprender mais coisas, ela ensina a confeccionar o banico (leque de palha), e o baquité (cesto de palha) e outros objetos de uso domésticos. Quanto aos meninos, o pai e os tios maternos ensinam a criança a fazer flecha, caçar, pescar. Enfim, as pessoas mais velhas ensinam seus filhos e filhas a respeitarem os anciãos e anciãs. Elas ensinam também a organização da nossa sociedade em Clãs e sub Clã dentro da nossa cultura e aprendem a qual clã elas pertencem. Aprendem como é o casamento clânico, ou seja, que não pode se casar com o próprio sub clã. Porém, isso não está mais acontecendo, porque tem gente desrespeitando essas regras culturais. Outro problema é que muitos jovens não estão aprendendo a fazer o canto (roiao).

Na aldeia, esse canto, muitos meninos e meninas, rapazes e moças não sabem cantar. Muitos não praticam, como antigamente, a língua materna. Se eu compreender porque tudo isso está acontecendo, vou ajudar minha comunidade a valorizar a nossa cultura. A pesquisa tem como objetivos compreender a pedagogia tradicional da etnia Boe-Bororo e suas contribuições para o ensino escolar. Compreender também como a criança aprende na cultura e como isto pode ajudar na aprendizagem escolar.

A minha pesquisa foi feita na comunidade Korogedo Paru, Terra Indígena Tereza Cristina, localizada no Município de Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso, durante os anos de 2020 e 2021 até meados de 2022.

Nas aldeias Boe Bororo há dois tipos de educação, a educação escolar indígena e a educação tradicional. A pesquisa realizou-se de duas formas, pesquisa teórica que foi a pesquisa nos livros, (livros, artigos, publicações, etc.), e a pesquisa através da observação, com conversas com os mais velhos. O material escrito me ajudou nos assuntos sobre como a criança de todas as sociedades aprendem, principalmente como aprendem a ler e a escrever. Nesta pesquisa teremos um breve relato da história da Terra Indígena Teresa Cristina, bem como faz breve descrição do lugar onde vivo que é a aldeia Córrego Grande. Daremos, também, um sobrevoo pelos principais rituais do meu povo, assim como falaremos sobre a educação tradicional Boe Bororo e, por fim, da educação escolar e da pedagogia indígena.

E é através da educação escolar que teremos acesso aos conhecimentos de outras sociedades, saberes universais para lidarmos com outras culturas. Temos buscado nos livros conhecimentos sobre a pedagogia escolar e com os informantes do povo Boe Bororo sobre a pedagogia indígena e com a comunidade temos investigado as diferenças e semelhanças entre esses dois tipos de educação para construir uma escola de qualidade e uma comunidade fortalecida.

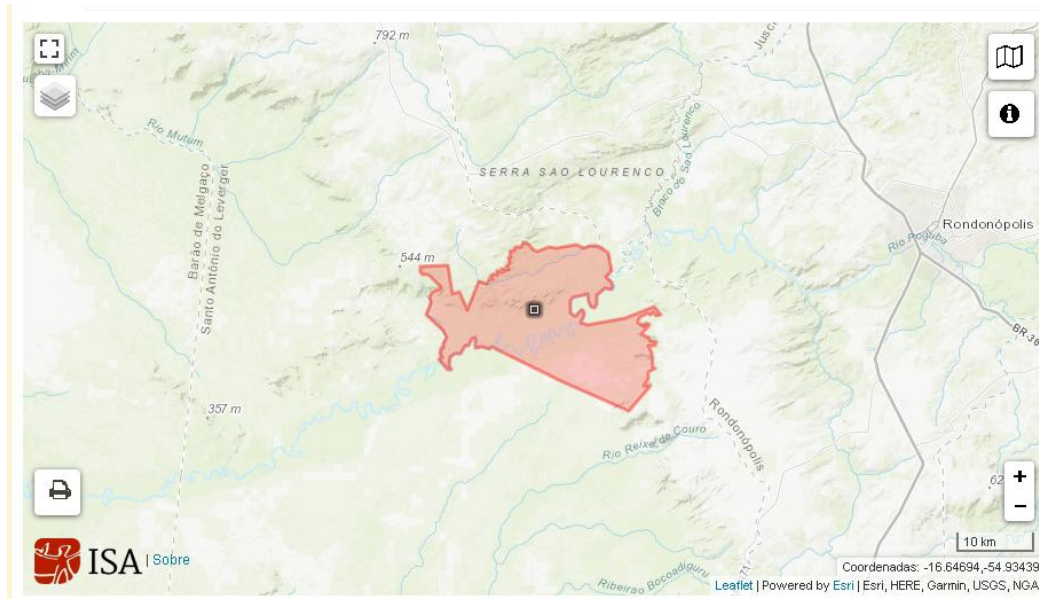
### **Caminhos metodológicos**

Sou Darlene Wudore, tenho 35 anos. Em nosso povo temos dois grandes Clãs: Cerae e Tugarege e eu faço parte do Clã Cerae, no Sub-Clã Baadojebage. Sou integrante do povo Boe-Bororo da aldeia Córrego Grande da comunidade da Terra Indígena Tereza Cristina e considero importante relatar sobre as lutas dos nossos ancestrais e dos mais velhos para garantir a demarcação e a homologação da nossa terra. Foi a partir da Constituição Federal de 1988, artigo 231, que os povos indígenas

através de muita luta e muitos massacres, encontraram amparo legal para reivindicar a posse das terras com o direito a demarcação e regularização das suas terras para usufruto e garantia de bem-estar.

A luta pelo reconhecimento de toda a extensão da área Terra Indígena Tereza Cristina se deu pelo valor histórico dos ancestrais e dos mais velhos, quando buscou-se, também, o apoio na documentação levantada através de estudo de GPS e neste foi observado que a área se estendia em torno de sessenta e seis mil hectares (66.000 ha). A população Boe-Bororo ocupa parte de uma grande área do Vale do Rio São Lourenço com a construção de suas Aldeias Kejari, Aigo Jao, Buiogoe Eiao, e outros lugares que podem ser destacados, por ter sido espaço da realização dos momentos funerários e outras atividades culturais em geral.

**Figura 1 - Mapa Terra Indígena Tereza Cristina**



**Fonte:** <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3870>

Atualmente a maior parte desta região do Vale do Rio São Lourenço está sendo tomada por grandes proprietários não indígenas com atividades da produção rural, que em flagrante desrespeito às Leis se apossam de um território que pertence ancestralmente ao povo Boe-Bororo. Portanto, na atualidade a área da Terra Indígena Tereza Cristina está sendo reduzida para algo próximo a trinta e cinco mil hectares. Esta terra está localizada nas proximidades da cidade de Rondonópolis - MT percorrendo os vales do Rio São Lourenço em torno de cento e vinte Km (120 km) para chegar até a atual Aldeia Córrego Grande – Gomes Carneiro. (Dados obtidos através de relatos dos anciãos e funcionários da FUNAI).

O território está sendo subdividido em duas comunidades, Aldeias Córrego Grande e Aldeia Piebaga, pertencente ao Município de Santo Antônio do Leverger – MT. Estima-se uma população em torno de quinhentos e cinquenta a seiscentos indígenas habitantes desta área Terra Indígena Tereza Cristina. A língua materna pertence ao tronco linguístico MACRO-JÊ, sendo que a população é falante de duas línguas: materna e a segunda língua que é a portuguesa. Com essas características de pertencimento ao território, somos sim, um povo de Direitos e garantia de homologação da área onde mantemos vivo os valores culturais próprios da identidade Boe-Bororo.

Esta população tem o seu modo de sobrevivência que se baseia na caça e pesca para o consumo e meios de renda. Conforme as necessidades de cada família cultivam-se pequenas plantações, tais como: plantio de mandioca, banana, mamão, abacaxis e pequena área de milho, arroz e feijão. A confecção de artesanato é para uso tradicionalmente em danças e cantos do povo Boe-Bororo.

Mesmo com a presença ancestral nas terras já citadas acima, somados a tantas outras etnias tradicionalmente habitando o espaço do nosso Estado, ainda é como se os indígenas fossem parte da História narrada em livros didáticos publicados pelas editoras ocidentais.

Mato Grosso, se configura como,

(...) um dos estados brasileiros com maior diversidade sociocultural, evidenciada nas diferentes particularidades de vários povos: indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, seringueiros, pescadores artesanais, ribeirinhos, retireiros dentre outros grupos que se espalham pelo território, relevando a multiplicidade das identidades mato-grossense. Entretanto, muitos destes grupos sociais ainda estão “invisíveis “ou pouco conhecido” (Silva e Sato, 2010, p, 261).

Como ensina as autoras, Mato Grosso agasalha em seu território vários povos e o nosso povo Boe Bororo, carrega consigo a herança ancestral do povo que deu origem ao povo mato-grossense, e que foi desaparecendo ao longo da história com a chegada dos bandeirantes, dos garimpeiros que vieram em busca do ouro-riqueza que contraditoriamente significou a destruição da cultura-identidade do nosso povo, como aponta pesquisa recentes que vem sendo desenvolvida por exemplo em Acorizal.



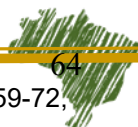
Silva e Sato (2010, p. 262), ensinam que estudos sociológicos mais recente apontam que grupos sociais podem ser reconhecidos por suas autodenominações, nas palavras delas,

(...) são as pessoas que se definem e se aproximam às identidades dos grupos sociais específicos. Assim, consideramos os conceitos de grupos sociais, desde que sejam conceitos mais inclusivos e abrangentes no espectro das identidades construídas (Sato et al., 2008).

Importante reforçar que nossas identidades foram construídas anteriormente a chegada dos bandeirantes, quando vieram em busca de mão-de-obra escrava e da exploração de riquezas. Ao encontrar ouro, por aqui fincaram raízes e contribuíram também na mudança cultural e da própria identidade do nosso povo.

Portanto a ocupação dos espaços considerados vazios, “entretanto”, os povos indígenas que aqui já viviam eram livres e nunca se imaginou em registros de posse de terras que habitavam desde tempos ancestrais; essa foi a marca violenta dos tempos modernos com a ideia de desenvolvimento, quando a posse do território e a comprovação da apropriação privada das terras foi se dando de forma desordenada e sem planejamento. Tais ações causaram violentos impactos no ambiente, a ponto de que, atualmente, no Estado de Mato Grosso, as porções de terras ainda não desmatadas são as Terras Indígenas e as Áreas de Preservação Ambiental, pois os grandes produtores de algodão e soja não demonstram preocupação sócio-ambiental, não respeitando a cultura ancestral e o próprio ambiente, para essas pessoas, não tem valor algum, como se a riqueza ambiental parecesse ser infinita.

Todos os processos migratórios contribuíram com a degradação ambiental e cultural, sendo que não escapou nenhum povo que habitava no território de Mato Grosso. Há que se registrar a importância de várias ações de valorização ambiental e cultural, entre elas, programas de pós-graduação como o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultura – PPGEIC e o Programa de Pós-Graduação em Geografia, ambos ofertados pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, os quais muito contribuem com pesquisas que vem mapeando o reconhecimento identitário de povos tradicionais no estado. As pesquisas vêm valorizando o sentimento de pertencimento ao território de Mato Grosso. As recordações, compõe o mosaico das identidades, “que carregam em si a forma de ser, estar e significado o mundo” (Silva e Sato, 2010, p. 266).



No passado todos os conhecimentos Boe-Bororo eram transmitidos oralmente e na língua materna, como já afirmamos acima. A aprendizagem acontecia nos ensinamentos durante os rituais, sendo a forma tradicional dos anciões repassar os conhecimentos ancestrais; também nas casas eram ensinadas as gerações mais novas sobre as ervas medicinais, sobre as coisas da mata, da caça, de como fazer a roça de toco, etc. Aprendia-se muito sobre a natureza e a relação com a espiritualidade.

A metodologia era através da oralidade e da observação de tudo que acontecia na aldeia. Éramos somente os Boe-Bororo com pouco contato com outras sociedades. Ainda hoje essa forma de ensinar existe na aldeia. Todos os ensinamentos específicos da cultura são feitos na casa e na Baito.

A forma tradicional de manter os conhecimentos Boe-Bororo é através da oralidade, da vivência, da participação nas atividades culturais do meu povo. É através da educação tradicional que aprendemos a ser Boe e é pelos ensinamentos dos nossos anciões que nos fortalecemos na nossa tradição cultural e fortalecemos a nossa identidade porque esses conhecimentos, essa força vem dos nossos ancestrais, dos que vieram antes de nós.

O jeito tradicional dos Boe educar os seus filhos é diferente dos braedu (colonizadores); os ensinamentos são transmitidos verbalmente (tradição oral) e os costumes são ensinados em casa, no Baito, na mata, nos rios, enfim, aprendem em todos os lugares do território indígena. Todas as crianças aprendem na aldeia sobre a cultura, costumes, sobre o que o menino e menina, pode fazer, e falar também.

Temos o jeito tradicional de ensinar e de aprender na aldeia, sempre foi assim, os pais ensinam os filhos que ensinarão os seus filhos. Para esses tipos de educação não precisa de professor, não precisa de escola, aprendemos naturalmente sobre o dia a dia da comunidade, sobre os rituais sagrados, sobre a nossa religiosidade (Paes, 2002).

Atualmente sabemos da real necessidade dos conhecimentos que a comunidade necessita e para isso precisamos lutar para a revitalização dos saberes tradicionais e para que todos possam ter acesso consciente dos saberes escolares.



### **Resultados e discussão**

A Escola da aldeia Córrego Grande começou suas atividades no Posto Indígena da FUNAI, na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) ainda na primeira metade do século XX. Os professores não eram indígenas e esses professores não paravam na aldeia, ou seja, não tinha continuidade do processo de educação escolar. A educação escolar na aldeia Córrego Grande passou por vários órgãos: o Serviço de proteção ao Índio-SPI, a Fundação Nacional dos Índios, depois pelo município.

Na época do SPI, as práticas prescreviam o castigo, quando o professor batia com palmatória nos estudantes, como contam os mais velhos da aldeia; a minha geração não estudou nessa escola que usava a palmatória. O tempo foi passando até que não teve mais professores para lecionar na aldeia. A escola ficou abandonada por vários anos; o prédio foi desativado, na época da administração do senhor Orlando Graças leite.

No ano de 1980, reapareceu, ressurgindo escola que funciona até hoje na aldeia Córrego Grande. A primeira escola foi construída pela própria comunidade, que usou recursos materiais de pau a pique e cobertura de palha, de forma que as mesas e as cadeiras eram feitas de tábuas; naquela época a documentação da escola era regulada pela a FUNAI de Cuiabá.

Em 1992 a escola passou para a gestão Municipal ligada ao Município de Santo Antônio do Leverger-MT. A primeira professora que iniciou os seus trabalhos, no ano de 1980, foi a Irmã Maria Ossemer, da congregação das Irmãs Catequista Franciscana. O nome da escola era Escola Indígena Municipal de Primeiro Grau Cadete Adugo kuiaru, cujo nome desta escola foi indicado pelo senhor José Kadagare, ancião e Bari (Pajé). O nome da escola é uma homenagem ao grande Cadete, amigo do Marechal Rondon. O senhor Bruno Tavie, começou a lecionar no ano de 1992 e o Evaristo Liga começou a lecionar no ano de 1993, quando contaram com a ajuda da Irmã Maria Ossemer, que incentivava sempre os dois professores indígenas.

No ano de 1992 foi realizado uma reunião entre as lideranças indígenas do Córrego Grande, Prefeitura de Santo Antônio do Leverger, representante da Funai de Rondonópolis, quando foi discutida a necessidade de construir uma Escola de alvenaria na aldeia para atender melhor a comunidade. Como resultado, foi firmada uma parceria entre a Funai e a prefeitura de Santo Antônio do Leverger. A FUNAI

concedeu o material de construção, a prefeitura pagou a mão de obra e a comunidade cedeu o espaço físico para a nova escola com duas salas.

Quando a irmã Maria Ossemer começou a lecionar, em 1980, ela só dava aula na língua portuguesa para estudantes de 1ª a 4ª séries. A professora morava no prédio da escola e a sala era dividida para os estudantes estudarem; na escola era utilizado quadro, giz, mapa, filtro, prateleira e bancos fixados no chão.

Os livros didáticos, merenda escolar, quando era na época da FUNAI, também recebíamos do Município de Juscimeira, mas isso era por causa do conhecimento e amizade da professora, por isso ganhávamos, merenda de outro Município. A escola foi criada pelo Município de Santo Antônio do Leverger-MT.

No ano de 1996, surgiu o Projeto Tucum-formação de Professores Indígena. Este curso foi realizado por etapas sendo concluído em 2002, formando um grupo de oito professores desta aldeia que participaram com o objetivo de que com esta formação dos professores viesse a funcionar as séries finais, pois já tendo um número suficiente de estudantes que haviam concluído as séries iniciais na aldeia. Queríamos a continuidade dos estudos na aldeia, pois os estudantes que foram estudar nas escolas fora da aldeia tiveram muitas dificuldades: ficavam um ano, ou talvez não chegavam ao final do ano e já voltam para a sua aldeia.

Por isso nós pensávamos em uma maneira possível de ter estudos escolares a partir da quinta série na aldeia no próximo ano, já que seria bem melhor para os nossos alunos estudarem. Já tínhamos um número de estudantes suficiente para começar a quinta série, assim também como professores preparados para assumirem a responsabilidade em sala de aula.

O pedido foi aceito e como a irmã já estava trabalhando com os professores e a comunidade na proposta pedagógico curricular, foi possível emitir parte da documentação exigida. Os professores estudantes do Projeto Tucum na etapa do mês julho de 2000 tiveram uma significativa participação na elaboração do Projeto Político Pedagógico para a nossa escola. Isso tudo na expectativa de iniciar a quinta série no ano seguinte na aldeia. Assim discutimos com a comunidade o projeto da escola que queríamos.

A nossa Escola da Aldeia Córrego Grande valoriza a nossa língua e cultura, optando por ensino bilíngue e tem a participação dos estudantes nos rituais e festa cerimoniais consideradas como atividade curricular.



**Figura 2** - Escola na comunidade



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Atualmente não podemos ficar sem os conhecimentos dos não indígenas, pois vivemos próximos dessa sociedade e temos que saber nos defender e conviver com ela. E é a escola que nos aproxima desses outros saberes que hoje são necessários.

Sobre isso, Paes (2002, p.6), diz:

A escola, então, como instrumento de acesso aos saberes ocidentalizados, apresenta-se como elemento essencial no interior dessas comunidades, com objetivo de transmitir os códigos simbólicos da sociedade envolvente, com a qual as relações se tornam cada vez mais estreitas.

E as diferenças e semelhanças entre esses dois tipos de educação, a tradicional e a escolar? Quando a criança aprende a falar ela é ensinada primeiro a falar a língua materna, começando pelas palavras mais fáceis e na escola, como isso acontece? Sabemos que não é tão simples ensinar os códigos da leitura e da escrita, assim, a alfabetização não acontece de forma natural como os ensinamentos tradicionais que acontecem na oralidade. É preciso ensinar as letras, os sons das letras, das palavras, das frases e dos textos. O povo Boe Bororo tem sua cultura indígena marcada pela oralidade, sendo preciso lembrar que se apropriar da leitura e escrita foi uma questão de sobrevivência imposta pela violência da colonização e foi praticamente uma imposição para a sobrevivência dos povos indígenas, sendo preciso conhecer a linguagem imposta pelos não indígenas.

Os Boe-Bororo aprendem ouvindo, quando a mãe percebe que a criança deve aprender mais coisas, ela ensina a confeccionar o banico (leque de palha), e o baquité (cesto de palha) e outros objetos de uso domésticos, falando na língua os nomes e a sequência do processo. Como utilizar da pedagogia tradicional para ensinar na escola?

Se eu compreender por que tudo isso está acontecendo, vou ajudar minha comunidade a valorizar a nossa cultura e o jeito de ensinar e aprender na escola. Desta forma é preciso pensar na educação escolar para as nossas crianças e jovens, é preciso refletir sobre a alfabetização indígena.

Quando pensamos na concepção de alfabetização e letramento indígena, nos lembramos de Ladeira (1981, p.171), “quando fala que o uso da língua indígena na alfabetização é um recurso para a revitalização da cultura própria da etnia”.

E se acreditarmos na grandeza do uso da língua materna na alfabetização, estaremos reforçando e valorizando a nossa cultura. Pois, muito antes das crianças chegarem na escola elas já trazem muitos conhecimentos e, neste aspecto, estou me referindo ao que aprendi sobre letramento indígena. E de acordo com o Caderno Fundamentos e Metodologia da alfabetização II, Caderno Pedagógico Intercultural 1 – compreendo que o Letramento abrange várias situações em que diversas práticas são utilizadas para os tipos mais variados de indivíduo.

Como a criança aprende? Essa é a pergunta que todo professor faz. Sabemos que a criança bororo nasce pertencendo a um povo que já fala a língua portuguesa e a língua bororo. E como aprendem? Aprendem naturalmente ouvindo primeiro as pessoas da sua família falar na língua materna. No dia a dia, a criança desenvolve o seu pensamento, a sua língua com as pessoas da família, da comunidade e, conforme a necessidade, vão aprendendo as palavras e a língua portuguesa.

Desde que nasce a criança é acolhida pelas linguagens, dentre as quais a linguagem verbal. Segundo Vygotsky (2000) a comunicação representa a função primordial da fala, o que nos leva a acreditar em pesquisas que apontam crianças com poucos meses de nascimento já sentirem a necessidade de fazerem uso de recursos comunicativos. Com isso a criança vai se desenvolvendo, aprendendo, convivendo com as pessoas da casa e da comunidade.

E quando a criança chega na escola ela já sabe muita coisa, já leva com ela um letramento oral bem grande, por isso, ao iniciar o ano letivo, uma das tarefas do professor /professora é saber o que suas crianças já sabem e o que ainda não sabem; é conhecer quem são eles, que vivências têm com o mundo da escrita em sua família e cotidiano da aldeia e da cidade quando acompanha os pais; que experiências têm da escola, de sua cultura e de seus modos de lidar com a escrita.

Essa tarefa é muito importante para o professor porque é com ela que poderá desenvolver seu planejamento para criar atividades para as crianças aprenderem ler e escrever, seja na língua indígena ou portuguesa. É na rotina do dia que a criança aprende, ela observa o professor, repete, pensa, memoriza a escrita e com isso vai ler e escrever. Só é preciso planejar e observar a criança, ajudar no processo de alfabetização. É pensando na metodologia natural e tradicional que a comunidade bororo ensina as suas crianças, assim, a escola aprende sobre isso com a comunidade, então, o professor poderá ter sucesso na metodologia da sala de aula.

A cultura Boe-Bororo respeita os outros, e é calma, também faz tudo no coletivo, essas são contribuições fortes para ser professor Bororo. Precisa ser Bororo para entender os alunos Boe-Bororo. O calendário precisa ser específico e respeitar os rituais do meu povo.

O jeito de ser do Boe-Bororo, sua organização, métodos de como tratar as crianças e educar os seus filhos ajudam nos ensinamentos da escola. Sentar perto da criança Boe-Bororo, falar com calma é importante para a aprendizagem dela.

Aos poucos a criança vai aprendendo a ler e escrever, mas a professora ou professor deve estar bem perto e ensinar que ela como todas as crianças do mundo pode aprender qualquer coisa.

Na escola da aldeia trabalhamos com os aspectos da pedagogia Bororo, procurando ouvir as crianças e respeitando a maneira que cada uma aprende. Elas observam como o professor e a professora ensinam e vão tentando, errando e acertando.

### **Considerações finais**

A criança Boe-Bororo aprende na casa, primeiramente com o pai e com a mãe que são os responsáveis pelo aprendizado da criança, mas avós, tios e tias, padrinhos, irmãos mais velhos também ensinam as crianças. A criança Boe-Bororo aprende no dia a dia, na convivência, desenvolvendo os sentidos de respeito, obediência, participação, aprendendo sobre a coletividade, responsabilidade e compromisso. A família ajuda bastante, quando o pai e a mãe incentivam seu filho a ir na escola para estudar para que tenha outros conhecimentos e que valorizem a sua ancestralidade.

A criança Bororo nasce pertencendo a um clã, a uma família que já fala uma língua. No nosso caso, a língua bororo. É natural que ouvindo as pessoas falarem ela aprende sobre essa língua. O convívio e a interação com as pessoas que estão ao seu lado permitem que suas primeiras manifestações, murmúrios, gritos, sons, ainda sem significado, se transformem pouco a pouco em palavras que pertencem à nossa língua e a língua portuguesa.

Até a chegada a escola ela aprende observando e repetindo o que os falantes dizem. Esse aprendizado acontece lentamente. Assim que chegam à escola fazemos o mesmo, falamos na nossa língua e também na língua portuguesa e ensinamos com paciência e respeito. O nosso ensino é bilíngue e a nossa alfabetização acontece nas duas línguas. Na escola, na sala de aula conversamos com as crianças na língua materna porque antes delas irem para a escola, elas falam mais a nossa língua. Isto ajuda elas ficarem mais à vontade e não ter medo de aprender a ler e escrever nas duas línguas.

Em casa as crianças aprendem imitando os adultos e na escola também aprendem observando e imitando, ou seja, observando a professora, repetindo o som das letras, das palavras, das frases, dos textos e a partir das tentativas elas vão se alfabetizando.

Portanto, na nossa forma de ensinar na educação Bororo a mãe e os familiares não esperam a criança saber falar para conversar com ela, vão falando e oferecendo, às vezes sem perceber, muitos modelos em que a criança se apoia para aprender a falar. Quando chega a escola, não esperamos que primeiro elas sejam leitoras e escritoras para oferecermos as diferentes formas de escritas e de leitura, nós oferecemos livros e ensinamos a ler e a escrever respeitando o jeito de aprender de todas as crianças do povo Boe Bororo.

## **Referências**

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto Secretaria de Educação Básica Fundamental. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FERNANDES, D. R.; KUHUN, A. P. Fundamentos e Metodologia da Alfabetização II – Pedagogia Intercultural – **Caderno Pedagógico Intercultural 1**. UNEMAT, Cáceres, 2021.





LADEIRA, M. E. Sobre a língua da alfabetização indígena. In: **COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO**. A Questão da Educação Indígena. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LÉVI STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAES, Maria Helena Rodrigues. A questão da língua na escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, set-dez, 2002, pp. 52-60. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Rio de Janeiro, Brasil.

SILVA, Regina; SATO, Michele. Territórios e Identidades: Mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso-Brasil In **Ambiente & Sociedade**. Jul-dez, v. XIII, n. 2, p. 261-281, 2010.

SOARES, M. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. Petrópolis – RJ – vozes, 2004.

STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo**, n. 8, p. 465-488, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Recebido: 15/07/2025

Aprovado: 23/10/2025

Publicado: 31/12/2025

